

 <https://doi.org/10.23845/>

A RAZÃO NA POSIÇÃO DE “LOBO EM PELE DE CORDEIRO”: formação (Bildung), dialética e filosofia a partir de Theodor Adorno
[THE REASON FOR THE POSITION OF “WOLF IN SHEEP’S CLOTHING”: formation (Bildung), dialectics and philosophy from Theodor Adorno.]

Everton Marcos GRISON

Doutorando em Educação pela UFPR.
E-mail: evertongrison@gmail.com

Resumo

O presente artigo parte de uma investigação inspirada no pensamento de Theodor Adorno, para pensar o conceito de Formação (Bildung), em conexão com sua discussão sobre a filosofia e a dialética negativa. A conexão desses três fatores fornece substrato reflexivo para criticarmos a racionalidade moderna, ao mesmo tempo que buscamos alternativas para o quadro de morticínio, que marcou o século XX e continua a delinear nossas existências na atualidade, principalmente com os resultados de infectados e mortos, em decorrência da pandemia de Covid-19.

Palavras-chave

Formação, Dialética, Filosofia, Razão.

Abstract

This article starts from an investigation inspired by the thought of Theodor Adorno, to think about the concept of Formation (Bildung), in connection with his discussion on philosophy and negative dialectics. The connection of these three factors provides a reflective substrate for us to criticize modern rationality, while we seek alternatives to the scenario of slaughter, which marked the 20th century and continues to delineate our existence today, mainly with the results of the infected and the dead, in resulting from the Covid-19 pandemic.

Keywords

Formation, Dialectics, Philosophy, Reason.





Introdução

Apontar que um filósofo possui uma questão é bastante temerário. Os diferentes pensadores e pensadoras elaboram suas reflexões a partir de uma diversidade de temáticas, ao mesmo tempo que tensionam e sofrem os efeitos de embates, seja da cultura de seu tempo, ou daquilo que mais se apresenta como incômodo em determinada época. Entretanto, isso não pode ser interpretado como justificativas iniciais, para determinar que os autores são puramente frutos de seus tempos e dos seus contextos.

Friedrich Nietzsche, um marco na filosofia contemporânea alemã reflete sobre a extemporaneidade do pensar e da ação, não no sentido estrito de uma separação própria, entre aquilo que é da razão, por um lado, e aquilo que é da atitude emotiva, por outro. A partir disso, para Nietzsche aquilo que se torna extemporâneo não necessariamente fala ao seu tempo. A “Aurora” da “Potência” reflexiva, com a devida licença poética, para manejar dois títulos¹ de sua obra, muito vasta, complexa e fragmentada, estaria na reverberação dionisíaca daquilo que resiste às imposições do tempo trinário e finito (passado, presente e futuro), ou seja, do que ressoa para além do ponto final de um texto, em um dia datado na história.

Por vezes, parece que a reflexão potencializada de extemporaneidade resiste aos modismos reflexivos, produzidos inclusive nos ambientes acadêmicos universitários, como proliferação de teorias que atendem, tanto quanto as roupas feitas pelos alfaiates, as necessidades dos corpos problemáticos revestidos de uma novidade supostamente originária, mas que carregam muito do passado, no piorado do presente. Sendo assim, uma pitada extra de desconfiança precisa “temperar a reflexão”, que não se contenta com ditames matemáticos positivistas, partindo para o abismo da dialética e das incertezas que compõem as pessoas e a realidade. O real não cabe em uma cifra e não se resolve na pílula ingerida pelos sujeitos, assoberbados demais, com a vida de menos que têm.

¹ Primeiramente nos referimos a obra “Aurora”, publicada por Nietzsche em 1881. No segundo caso, trata-se da obra “Vontade de Potência”, uma reunião de fragmentos de Nietzsche feita por sua irmã, que interferiu na redação do texto e os publicou após a sua morte.

Tais apontamentos iniciais denunciam a necessidade da reflexão crítica, a crítica vista a partir das ideias de Theodor Adorno, figura reconhecidamente controversa, componente da Teoria Crítica (Escola de Frankfurt), com vasta produção textual, que através do ensaio, efetua um trajeto primoroso pela dialética, música, filosofia, estética, literatura e sociologia. Neste estudo, optamos por refletir a partir de alguns trabalhos de Adorno, sobre os temas da educação e da dialética na formação, como fundamentos para se pensar a constituição do sujeito no período contemporâneo, como resultado previsível da racionalidade moderna, a qual se propunha como emancipadora e se transformou em uma promessa não realizada.

Essa promessa não realizada se traduz em uma existência plastificada, que tanto quanto o componente que embala praticamente tudo o que consumimos, se constitui destituída de sentido, afogada em um excesso de positividade² e, portanto, alijada da negatividade³. Com isso, fica demarcado um leque de complexidades que tornam o sujeito um resultado do capitalismo, o qual lhe garante o mínimo de respiração para que possa executar suas tarefas e manter a todo custo, a produtividade em alta. O importante é cumprir a meta.



Apontamentos sobre a definição de Formação (*Bildung*)

² A crítica ao processo de positivação perpassa boa parte da obra de Theodor Adorno. Em trabalhos mais iniciais como: “Para a Metacrítica da Teoria do Conhecimento” (1956), como na sua obra de maturidade “Dialética Negativa” (1966), a crítica epistemológica, que trata do positivismo, da fenomenologia de Husserl e de Heidegger entre outros aspectos, assume um fio condutor dos trabalhos adornianos, a partir de textos com estrutura ensaística, que preservam a escolha do negativo como mola propulsora teórica e de transformação social.

³ A negatividade possui papel central no embate com toda a tradição de pensamento filosófico. Adorno abre sua “Dialética Negativa” (1966) com uma expressão que, em certa medida, apresenta o tom da crítica e, portanto, da negatividade: “A expressão ‘dialética negativa’ subverte a tradição” (2009, p. 07). A negatividade possui esta característica de colocar em evidência um profundo processo de crítica dialética, que não se fecha em torno de voltas conceituais, no interior de sistematizações que buscam totalizar o real. A partir disso, Adorno busca uma crítica imanente que se ocupe com a tensão própria que constitui a não-identidade, ou seja, com toda a contradição das elaborações que aprisionam o real em definições conceituais. Nesse sentido, a filosofia se ocupa do negativo, isto é, daquilo que não cabe em tábuas de categorizações, com aquilo que escapa de definições que tratam o real como racional. Desta maneira, a filosofia tem seu papel ressignificado, pois precisa ser uma filosofia negativa, ou seja, que se aproxima daquilo que ela mesma caracteriza como não conceitual.

Para qualquer que seja a reflexão sobre o tema da formação, considerar uma certa exigência sobre o espaço deste conceito em diferentes contextos é necessário, pois, por exemplo, o que é refletido sobre a formação do homem grego, a partir de obras monumentais como a "Paidéia⁴", de Werner Jaeger, ou "O Homem Grego⁵", organizado por Jean-Pierre Vernant, não necessariamente se desdobra da mesma maneira em outros períodos de pensamento. Trata-se, portanto, de uma delimitação de escopo conceitual, que para tanto, pontua embates reflexivos e demarca a diferenciação do pensamento, como um trilhar crítico por definição revertido em escolhas intencionais.

Neste estudo, compreendemos a palavra formação como tradução para o termo alemão *Bildung*, visto que "[...] é um dos termos/conceitos mais importantes da língua alemã" (WEBER, 2011, p. 49). Nesta centralidade estão inscritos, entre as muitas possibilidades de sentidos, um sentido clássico, outro romântico e, por último, um trágico. Esta separação nos auxilia a compreender a variação dos sentidos e como isso se faz presente na reflexão adorniana sobre formação.

Na esteira das reflexões de Weber (2011), o sentido clássico está conectado a um ideal de atividade pedagógica, ocupado na resolução de antagonismos como a vida e o espírito, a natureza e a cultura. Parece estar em questão, uma busca pela harmonização de forças contrárias, um empreendimento que apara arestas, com o intuito de sanar os choques internos na criação de uma pedagogia.

Já o sentido romântico atesta uma "[...] valorização dos processos de incorporação, de transformação, magistralmente desenvolvidos pelos autores do *Sturm und Drang*, e do romantismo alemão, bem como por filósofos e cientistas [...]" (WEBER, 2011, p. 52), que a partir das investigações do século XIX, se aproximam das reflexões elaboradas pelas ciências da natureza, como a biologia e a química.

Nesse sentido, trata-se de uma formação pensada como cultivo, também como desenvolvimento, pois cultivar algo é acompanhar e conhecer para além de suas aparências mais imediatas. Esse romantismo se conecta com um plano de profundidade,

⁴ JAEGER, Werner. *Paidéia: a formação do homem grego*. Tradução de Arthur M. Parreira. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

⁵ VERNANT, Jean-Pierre (org.). *O homem grego*. Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Editorial Presença, 1994.



dos acontecimentos que ocorrem com certa independência, como se atendessem forças próprias internas.

Na concepção trágica há um distanciamento dos românticos e dos clássicos, pois a serenidade reflexiva grega presente no classicismo era vista com ressalvas. No sentido trágico reverberam as ideias críticas da obra poética de Holderlin, além dos aforismos e da "filosofia a marteladas"⁶ elaborada por Nietzsche. Em ambos há uma percepção de que a realidade natural provoca o ser humano a se expressar. Há nela uma força criadora impulsiva. Esse processo é conflituoso, contraditório, gerido por leis próprias e que não necessariamente seguem os parâmetros racionais. Sendo assim, os conflitos internos de uma acepção trágica fazem com que exista uma certa sonoridade, isto é, ocorre a presença harmoniosa do deus da mitologia grega Apolo, entretanto, as forças festivas de Dionísio são igualmente presentes e participam da definição.

Ocorre que o classicismo deixou escapar a musicalidade própria de resistência dos gregos, sonoridade esta, que se impõe diante das regras que os artistas devem seguir. Seja na poesia narrada ou escrita, nos teatros, os gregos eram muito mais poetas do que escultores, pois a vida na polis era vivenciada em versos. A partir disso, a musicalidade grega compunha um posicionamento que não se reduz a uma espiritualidade geniosa. Há polarização imanente em todo o processo criativo, visto que tais questões não se reduzem a apontamentos de estética ou estilística. São discussões sobre a formação (WEBER, 2011).

Ao falarmos em formação, portanto refletimos sobre encontros, nem sempre harmoniosos, nas aproximações de ética, educação, estética, política, psicologia, psicanálise, como composição reflexiva que ocorre na prática, já que os encontros são momentos de transformações ou demarcações, acerca da importância da diversidade e da força potencializada que estar com outros representa na educação, pois "andorinha sozinha não faz verão".

Nesse sentido,

"[...] aquilo que está no cerne do problema da *Bildung* diz respeito a qualquer ser humano, a qualquer cultura que pense o sentido a partir do seu estar no mundo, pelo menos no mundo ocidental. [...] quando se usa tal termo, diz-se não Filosofia da

⁶ Remissão a obra de Nietzsche: "Crepúsculo dos Ídolos ou como filosofar com o martelo", publicada em 1888.



Educação, mas *Filosofia, Educação, Música, Teatro, Literatura* e muito mais. (WEBER, 2011, p. 55).

Sendo assim, a discussão sobre a formação nos posiciona em um debate de aspectos variados, os quais deveriam ser de interesse de todos, pois os delineamentos da formação interferem na vida singular e coletiva. Tais interferências denunciam as escolhas que se impõe ou melhor se ajustam aos fatores mais determinantes no interior dos currículos escolares e universitários, no prestígio social de algumas áreas, no descrédito de outros campos do saber, nas definições de cultura, no tipo de sociedade que vai se organizando e, para além disso, na própria constituição da subjetividade, já que dialeticamente ela internaliza e resiste a naturalização dos determinantes sociais, como reproduz e questiona uma lógica de conformação no interior do capitalismo. Por consequência disso, como refletido por Adorno acerca do cultivo da formação e da semiformação, a resistência diante da colonização vai se tornando cada vez mais obscurecida, ao ponto de ser vista como uma impossibilidade de evidencia matemática do tipo: “não há o que ser feito”.



A Formação e a Semiformação: o resultado da razão instrumental moderna

O tema da formação perpassa boa parte da obra de Adorno, pois seu pensamento pode ser compreendido como uma filosofia sobre as dobras dialéticas de composição do sujeito. Percebemos isso na escrita compartilhada com Max Horkheimer na obra "Dialética do Esclarecimento" (1947), em estudos autorias como: "Observações sobre política e neurose" (1954), na "Dialética Negativa" (1966), em escritos como: "Glosa sobre Personalidade", "Tempo Livre", "Sobre Sujeito e Objeto", reunidos no livro: "Palavras e Sinais: modelos críticos 2" (1969), nos seus textos e palestras transcritas e reunidas no volume: "Educação e Emancipação" (1971), como nos seus trabalhos e cursos sobre sociologia, literatura e filosofia.

O pensamento de Adorno pode ser descrito como um espaço de encontro, que preserva as tensões próprias de cada área distinta, ao mesmo tempo que lida com as contradições que compõem a realidade. Ocorre uma preservação da negatividade ao deparar-se com a totalidade do real, pois a negação preserva uma potencialidade crítica, ao não se conformar adaptativamente com o contexto que se inscreve.

GRISON, Everton Marcos. A RAZÃO NA POSIÇÃO DE “LOBO EM PELE DE CORDEIRO”: formação (Bildung), dialética e filosofia a partir de Theodor Adorno. p. 100-120.

Especialmente em sua reflexão sobre a "Teoria da Semiformação" (1962⁷) Adorno reflete sobre o conceito de formação social, visto a partir de uma sedimentação de um espírito negativo, que se converte em semiformação socializada. O pensador de Frankfurt percebe o virar do avesso formativo, produzido pela racionalidade técnica instrumental da modernidade, que esvaziou a consciência de sua potencialidade de autodeterminação, ao fixar categorias obsoletas, acomodando o fortalecimento da ideologia e a promoção de uma formação regressiva. (ADORNO, 1972)

Adorno percebe os meandros da sociedade moderna administrada, construtora de uma noção de formação salvacionista, como se uma determinada lucidez formativa, a crença em uma categoria de sujeito revolucionário, a partir de uma práxis interior, garantiria as bases para uma mudança estrutural na formação de cada um e, por consequência direta, na sociedade. Neste sentido, bastariam mudanças significativas no âmbito formativo, compreendido como um campo de encontros diversificados.

Em verdade, a formação resultante dessa racionalidade instrumental é inscrita em uma lógica de utilidade potencializada, enquanto sinônimo de um mundo organizado na sua totalidade, a partir de ampla gestão do tempo, do espaço, da linguagem, das práticas simbólicas, com determinantes que suprimem as tensões e contradições como componentes da vida (ADORNO, 1972).

Está em questão, um monopólio de formação cultural gestado pela dominação capitalista, que se garante, por um lado, a partir da preservação dos privilégios das classes economicamente mais favorecidas, formadas para desempenhar suas tarefas na economia e na administração de diferentes setores, a partir de áreas como Engenharias, Direito e Medicina, por exemplo. Por outro lado, às classes menos favorecidas, sem considerar os milhões que nem chegam a ter uma formação educacional básica, são submetidos a um processo de desumanização perpetrado pelo capitalismo, que se não nega uma formação completa, apresenta um modelo de preservação das desigualdades, sem compromissos com ações afirmativas de reparação histórica, de acesso à educação pública e de qualidade, seja na educação básica, no ensino superior ou na pós-graduação.

Ocorre, portanto, enquanto resultado da modernidade iluminista, uma formação que é destinada às classes mais favorecidas, para que mantenham seu status e poder político,

⁷ Neste estudo utilizamos a tradução da obra para o espanhol, publicada em parceria pelas editoras Alianza e Taurus, em 1972.



econômico e social, enquanto aos menos favorecidos são negados os pressupostos para realização da autonomia (ADORNO, 1972). A universalidade da semiformação vai sendo cada vez mais exagerada, ao mesmo tempo que se elaboram ideias justificadoras como de meritocracia, para culpabilizar os sujeitos pelo seu fracasso social. Não entram em questão ou são tratadas como secundários, os determinantes culturais da suposta ineficiência.

Na perspectiva de Adorno, uma possível antítese à semiformação se inscreve na socialização das forças culturais, a partir da democratização dos bens culturais, permitindo o contato e a vivência generalizada na sociedade, isto é, tornando a formação um espaço de encontro e não a classificação irremediável de classes sociais. Trata-se, portanto, da construção de experiências que atuem em constante vigilância diante das penetrantes artimanhas da indústria cultural, grande responsável pela colonização da vida e da formação moderna.

Isso representa uma formação por excelência antinômica, portanto, mais próxima de um sentido trágico, que se nutre das condições apresentadas, por mais contraditórias que elas possam ser, para elaborar as condições de autonomia e liberdade não realizadas pelos parâmetros modernos. São encontros de forças que se opunham centralmente ao conformismo e a naturalização das mazelas sociais, em contrapartida a substituição do tempo durável por imperativos do tipo: "É isso". (ADORNO, 1972)

Trata-se de uma crítica, na teoria e na prática, da positivação da cultura, que automatiza todas as elaborações artísticas para que possam ser mensuradas e atendam aos determinantes das forças econômicas. Uma vez que tudo na sociedade passa a ser valorado por inclinações financeiras, ocorre um achatamento das intenções que não atendem aos interesses previamente determinados, os quais reverberam uma colonização totalizante do caráter fetichista da mercadoria.

Este balanceamento cultural atende aos pressupostos totalitários que persistem na sociedade, visto que a sua extinção se relaciona diretamente com a sociedade moderna, pois os fenômenos totalitários não são vistos por Adorno em diversos escritos, como uma espécie de derrota da racionalidade moderna, no sentido de ter permitido a barbárie e a aniquilação dos diferentes. O totalitarismo, a colonização completa da vida, o fascismo representam o resultado previsível da razão moderna, a qual cria as condições para o seu surgimento, encobre a sua existência e permanência e se lança como força motriz nas suas aplicações práticas, isto é, na transformação dos ideais em "máquinas de moer gente".



Na palestra proferida por Adorno sobre os “Aspectos do novo radicalismo de direita” no dia 06 de abril de 1967, a partir de convite feito pela União dos Estudantes Socialistas da Áustria, na Universidade de Viena, fala esta que representa uma continuidade da sua palestra de 1959: “O que significa elaborar o passado”, sua posição é muito clara: “[...] os pressupostos sociais do fascismo ainda perduram”. (ADORNO, 2020, p. 45)

Em um tom mais asseverado o fascismo representa a verdade própria da sociedade moderna, “cozido” não a partir de causas psicológicas, mas de uma maquinaria social da indústria cultural, da qual saem os resultados dos truques da propaganda, da adesão aos movimentos fascistas a partir do conteúdo de uma lógica da identificação, que constitui a existência do igual e, portanto, elimina tudo o que é desigual, isto é, aquilo que destoa e escapa ao processo de definição integradora. (CATALANI, 2020).

É neste sentido propriamente que o fascismo vai devorando tudo e a todos que a ele se opunham, mas novamente, não como uma força superior que atende a causas e propósitos diabólicos. Trata-se da razão crua, o poderio positivado de elaboração de questões, planos, metas burocratizadas, para atingir os objetivos de aniquilação dos inimigos, interpretados como o “qualquer um” que não atenda aos pressupostos ou ousa contestá-los. Não há nenhuma restrição moral, impedimento ético ou qualquer remorso. Este “ovo de serpente” vai sendo chocado, retroalimentando-se e persiste com suas necessidades quantitativas de destruição. É uma razão que mata e não se exime da responsabilidade pelos atos cometidos.

Esta mesma razão forma, no sentido da *Bildung*, ao cultivar pacientemente os determinantes para que a “brotação” vindoura não encontre grandes impedimentos. E os novos nascimentos vão sendo gestados nas mais diversas esferas sociais, do mais poderoso economicamente, ao mais desfavorecido, visto que “[...] os apoiadores do velho e do novo fascismo estão hoje espalhados por toda a população”. (ADORNO, 2020, p. 48).

Ocorre a universalização de princípios que fixam as categorias do fascismo, a partir de procedimentos obscuros, com uma natureza alicerçada em propagandas salvacionistas, que defendem caminhos unilaterais para crises e problemas estruturais da sociedade. Em verdade, dada sua natureza obscura, tais fatores encobrem as contradições da realidade, a partir de decisões que garantem uma maior penetração de ideais na vida das pessoas, com o intuito de reposicionar um suposto compromisso inócuo, de crítica e modificação da realidade vigente.



Este comprometimento tem por intenção o ajustamento das condições que corroborem com o discurso fascista, pautado na iluminação superior de uma liderança, na sua força profética de transformação, nas suas propostas como único caminho para a superação das dificuldades, na defesa de pautas sociais vestidas de roupagem moralizante, desvio de foco da gravidade da situação, discursos articulados para atender a uma porcentagem de seguidores mais aguerridos. Ao mesmo tempo que busca convencer aqueles que estão distantes, de que aquilo que se apresenta como alternativa diante de polarizações é o único caminho possível. Há uma espécie de “liturgia” própria com grande potencial adaptativo.

A necessidade de uma tal adaptação, da identificação com o existente, com o dado, com o poder enquanto tal, gera o potencial totalitário. Esse é reforçado pela insatisfação e pelo ódio, produzidos e reproduzidos pela própria imposição à adaptação. (ADORNO, 2011, p. 43-44)

Tais lideranças não se relacionam necessariamente com os critérios econômicos-políticos. Sua definição está mais associada a traços que coadunam com as dimensões de poder - impotência, paralisia e incapacidade de reagir, comportamento convencional, conformismo, ausência de autorreflexão, ausência de aptidão à experiência. Nesse sentido, ocorre uma identificação com o poder enquanto tal, independente do seu conteúdo representativo. Trata-se da disposição de um eu fraco, com necessidade de identificação com grandes coletivos. (ADORNO, 2011)

Como os cenários sociais mais tradicionais não apresentam alternativas muito plausíveis, as promessas de superação das crises e diferentes dificuldades não se tornam realidade, o extremismo passa a ser visto como possibilidade diversificada. A questão mais importante neste aspecto é perceber que esta consideração não ocorre a partir de algo que vem do exterior. O extremismo estava presente, pois como ele representa uma tipologia da racionalidade moderna, a presença racional também configura este outro, que parece diferente, mas é um lado mesmo da razão.

Trata-se do resultado próprio da razão moderna, que engendra as condições que propiciam a sustentação e a sua disseminação, tomando por base a dominação da natureza e a racionalidade enquanto meio de domínio social. Há neste processo reificado (NOBRE, 2001), a deformação fantasmagórica da existência das pessoas, uma espécie de



obscurcimento da relação entre sujeitos e coisas. Desta maneira, vai se constituindo uma deformação da sensibilidade dos sujeitos, ampliada por uma intensa colonização da alma.

O mais íntimo das pessoas vai sendo tomado de assalto, sem que cada um perceba tal artimanha. Isso representa o profundo alcance da semiformação na indução social à barbárie, pois sem uma clareza acerca do que acontece, com dificuldades de identificação com o sofrimento e a vida do Outro, que é percebido a partir de uma lógica ameaçadora. A partir disso, “a nossa ordem social - que não tem como base a razão, mas a necessidade de manter o interesse dos mais fortes - favorece o sadomasoquismo, o narcisismo e as compulsões” (CROCHÍK, 2004, p. 42).

Isso faz com que todos preparem-se em “estado de vigilância para a guerra”, no sentido do estado de guerra hobbesiano (preparação antes das relações de combate no estado de natureza), a aceitação das condições sociais vai se tornando um imperativo moral de existência, tanto que os mais flagrantes rompantes de extremismo passam a ser minimizados ou aceitos como “parte do jogo” político-social.

Tal aceitação evidencia o ocultamento da moralidade que guia as ações de cada um, pois os homens não são vistos como sujeitos constituídos de seus próprios destinos. Suas decisões têm muito dos acidentes próprios no orquestramento social, dirigido por uma moral de méritos e de culpas (RESENDE, 2005), que caminha por aspectos que verbalizam uma coletivização cega, a partir de valores que suprimem o campo do político, como se fosse um membro doente em um corpo que precisa ser decepado, com o intuito nítido de dar expressão a uma “moral de rebanho”, como apontado por Nietzsche, em suas reflexões sobre a moral.

A compreensão dessas relações que constituem a sociedade, na sua reverberação nas produções culturais, no papel ocupado pela indústria cultural na formação dos sujeitos e em um espectro mais amplo do processo generalizado de dominação, fomenta em certa medida, a percepção de brechas que denunciam a catástrofe histórica que constitui a sociedade, lançando possibilidades de ação, por intermédio da crítica da razão moderna, do intenso processo de massificação, no sentido da definição dialética dos processos formativos assumidos como verdadeiros e únicos.

Apontamentos sobre pensar o impossível diante do abismo

GRISON, Everton Marcos. A RAZÃO NA POSIÇÃO DE “LOBO EM PELE DE CORDEIRO”: formação (Bildung), dialética e filosofia a partir de Theodor Adorno. p. 100-120.



“Dar corpo ao impossível: o sentido da dialética a partir de Theodor Adorno” (2019), um dos últimos livros de Vladimir Safatle, no qual o pensador brasileiro, com diversos estudos em destaque sobre Adorno e Jacques Lacan, põe a público uma investigação sobre a noção de dialética adorniana, demonstrando o quanto o filósofo frankfurtiano adentra a filosofia e as “espirais” da dialética hegeliana, para conceber sua dialética negativa, como caminho no combate crítico da sociedade contemporânea positivada. Safatle toma Adorno como ele se apresenta, um crítico implacável, de escrita dura e pouco convencional, mas que tem um fio condutor de todos os seus trabalhos, uma vivacidade crítica, na busca incessante do pensamento perspicaz.

No início da década de 1920 eram muito presentes as tendências anti-racionalistas no meio filosófico e da arte. Muitas das produções pretendiam ser protestos contra a racionalização da existência, contra o racionalismo exacerbado no próprio pensamento e contra a metodologia positivista que a modernidade havia engendrado. Adorno está ligado a este tipo de pensamento, ao subverter as próprias padronizações da história intelectual.

Este espírito crítico contribuía para fundamentar sua posição, marcadamente dialética, na pretensão de demonstrar a falsidade do pensamento burguês. Na verdade, consistia em submeter o projeto idealista que estabelecia uma identidade entre o pensamento e a realidade, ou ainda, ao estabelecimento de causas psicológicas generalizadas para compreensão de problemas sociais muito mais amplos, a uma crítica dialética, no sentido de mostrar sua insuficiência. Frente a isso, lançava mão de uma postura crítica e dialética, tentando provar a tensão entre a realidade e o pensamento, através de uma reflexão radical questionando a identidade idealista, pelo seu oposto, a não-identidade, tema central de sua “Dialética Negativa” (1966).

Adorno ressignifica a filosofia ao fazê-la voltar-se para o efêmero, inútil, contraditório, tudo aquilo que a tradição parcialmente classificou como pueril⁸. Significa uma virada filosófica e dialética, pois esta assume um caráter de negatividade, distanciando-se de Hegel e de sua positividade sistêmica. Sendo assim, parece não limitar a filosofia a tratar de questões centrais da metafísica moderna.

⁸ Isso também é refletido por Adorno no texto: “Caracterização de Walter Benjamin”, que compõe a antologia de escritos sobre crítica social e literária intitulada: “Primas” (1969).



Uma atitude de posicionamento que rompe com o tradicionalismo para voltar-se ao excluído, assassinado, exposto, mal-visto, aquele que é condenado “às margens” pela sua aparência. A filosofia passa a caminhar em prol do não-idêntico como alternativa, em aliança ao procedimento dialético negativo, na preservação de uma tensão constante entre a filosofia e a realidade.

Nesse sentido, trata-se de um movimento em direção à totalidade, como aponta Frederic Jameson:

[...] sobre a premência e centralidade da noção de totalidade; o equívoco reside em concluir que a ênfase na indispensabilidade dessa categoria consiste seja na sua celebração seja em sua forma mais forte do argumento antiutópico a sua implícita perpetuação como uma realidade [...] (JAMESON, 1997, p. 45).

No ensaio: “Atualidade da Filosofia” (1931), elaborado para uma habilitação universitária, nas linhas iniciais escritas por Adorno percebemos o tom de crítica inventiva, pois para o autor, trabalhar com a filosofia seria o equivalente a renunciar completamente com os projetos filosóficos, que se pretendiam capturar a totalidade da realidade, a partir das forças próprias do pensamento. (ADORNO, 1994).

Como percebemos, Adorno está interessado em uma posição que se abra às condutas mais débeis, a vida danificada, como são visualizados nos intrincados textos de sua “Mínima Moralia: reflexões a partir da vida lesada” (1951). O filósofo frankfurtiano é um crítico contundente da ideia, em grande medida desgastada, de totalidade, pois a crise do idealismo equivale a própria manifestação filosófica de totalidade. A *ratio autonoma*, tese central do idealismo moderno, deveria ser capaz de construir a partir de si mesma, não só um conceito de realidade, como tratar de toda a realidade. Porém, tal tese se dissolveu em si mesma e o próprio momento filosófico de totalidade do real foi perdido (ADORNO, 1994).

A novidade adorniana para com o assunto reside no voltar-se para aquilo que é marginalizado, para o efêmero, não pensado, através da figura da não-identidade. Não somente está implantando sua alternativa para o problema da totalidade, como inaugurando uma postura filosófica dialética de radicalidade.

Nossa leitura toma como central a ideia de alternativa, pois pelo que parece, esta noção consegue abarcar, ao menos em parte, a intencionalidade adorniana: uma dialética radical e aberta, movendo críticas e sendo criticada ao mesmo tempo, na tentativa de



solapar todo e qualquer tipo de dominação. Alternativa parece causar menos problemas que noções como método ou modelo, termos que o próprio Adorno utilizava com ressalvas.

A contradição que qualifica um procedimento dialético desta envergadura tende a tratar do paradoxo instaurado pela filosofia “institucionalizada” que titula o que é racionalizado como real e exclui as amostras pontiagudas que fazem parte da realidade. A filosofia deve se interessar justamente por aquilo que não coube na tábua de categorias pré-estabelecidas, pelo “[...] âmbito do não-conceitual, do individual e do particular; aquilo que desde Platão foi alijado como precívél e insignificante e sobre o que Hegel colocou a etiqueta de existência pueril”. (ADORNO, 2009, p. 15)

A filosofia nessa perspectiva, não se limita a tratar das questões centrais da metafísica ocidental, por outro lado, também não deve se esquivar da dignidade objetiva destes temas. Sendo assim, “Ela precisa temer a um tal ponto os caminhos batidos da reflexão filosófica que seu interesse enfático acaba por buscar refúgio em objetos efêmeros, ainda não superdeterminados por intenções” (ADORNO, 2009, p. 23).

Uma maneira de pensar que se expõe ao perigo, questionando desde o início o modelo de investigação tradicional, e voltando-se para aquilo que é incômodo, direcionando-se para um “abismo”, mesmo sabendo que seu próximo passo pode ser fatal. E sentencia: “[...] a filosofia só continua sendo algo mais do que mero funcionamento lá onde se expõe ao fracasso total, enquanto resposta à segurança absoluta que tradicionalmente se inscreve de maneira sub-reptícia” (ADORNO, 2009, p. 25).

Por trás desse posicionamento estava, sem dúvidas, o diagnóstico de que o proletariado não se mostrou como juiz da sociedade capitalista. Ocorreu justamente o contrário, a sociedade posicionou-se como juíza em relação ao proletariado, a partir de uma vida administrada, formatada para preservar um certo potencial de produtividade, ao atender aos imperativos do “não reclame. Trabalhe!”. Também estão imbricados acontecimentos históricos como as duas guerras mundiais, os governos fascistas, os campos de extermínio, num juízo fatal sobre a filosofia;

Ela mesma falhou, não pode lavar as mãos com inocência ante a tais acontecimentos. Ela é conivente. E qual é o castigo a ela imposto? É a obrigação de continuar, continuar enquanto advogado da promessa da razão, porém, na plena consciência de empenhar-se por uma causa perdida. (TÜRCKE, 2004, p. 46)



O momento perdido da filosofia são suas “mãos sujas” de sangue alheio, seus olhos obstruídos pelas cinzas derivadas das “queimas” nos fornos de Auschwitz, de sua surdez consciente em não ouvir os gritos dos inocentes, que morreram sem entender o que ocorria.

Na atualidade, das cifras astronômicas de infectados pelo vírus da Covid-19, pelos milhões de desempregados, pelas famílias destroçadas com as perdas de seus entes, pelos milhões de mortos no mundo, pelos mais de 603 mil mortos⁹ no Brasil, pela eleição e manutenção estratégica no cargo, de um presidente genocida como Jair Messias Bolsonaro, a disseminação de informações falsas sobre tratamentos precoces, o negacionismo científico, pelo atraso e os casos de corrupção na compra das vacinas, entre outros fatores que delineiam um cenário macabro e deliberadamente criminoso no enfrentamento da pandemia. Enquanto milhares padeciam nos hospitais, diversos agentes públicos e sujeitos singulares buscavam propina e benefícios. Milhares morreram e continuarão a morrer de uma doença, para a qual já existem vacinas.

Estes são grandes impasses históricos do pensamento contemporâneo. Ignorá-los representa um atestado de condescendência inegável, pois não podemos nos eximir das responsabilidades que ressoam em todas as esquinas do mundo. À filosofia resta a atividade marcada a “ferro quente”, isto é, “[...] reconhecer a culpa, aceitar o castigo, prestar penitência. Filosofia que não têm má consciência, não tem consciência adequada de si mesma. Falta-lhe a marca decisiva de qualquer filosofia: a autorreflexão”. (TÜRCKE, 2004, p. 46)

Um reconhecer a culpa, não no sentido estritamente moral, mas pela omissão e contribuição na fundamentação de princípios ideológicos. Uma atitude de posicionamento em que questiona o tradicionalismo, para voltar-se ao excluído, assassinado, aos enterrados sem os rituais de velórios devido a pandemia, aos sepultados em valas comuns pelo mesmo motivo. A filosofia tem seu papel ressignificado, numa problemática que não perseguirá mais a identificação, em vez disso, o não-idêntico como alternativa, aliado ao procedimento dialético negativo, para buscar pensar o tensionamento entre si e a realidade.

É instrutivo o que Adorno aponta em um texto sobre o pensamento filosófico: “O pensar filosófico começa quando não se contenta com conhecimentos que se deixam abstrair e dos quais nada mais se retira além daquilo que se colocou neles” (ADORNO,

⁹ <https://covid.saude.gov.br/> (Acesso em 18/10/2021 às 15:06).



1995, p. 16). Define, portanto, uma filosofia que não se contenta na “zona de conforto” estabelecida pelas abstrações estatizantes, que sugam toda a vivacidade da possibilidade investigativa. A filosofia se constitui pela zona da desconfiança, com a coragem de se arriscar com as “veias abertas”.

Considerações Finais

As considerações finais de um texto que lida, no sentido do cultivo realizado na agricultura, com o conceito de formação (*Bildung*), de dialética e filosofia, a partir de uma perspectiva adorniana não significa propriamente uma finalização, mas apontamentos de início processual, mais no sentido do que é possível pensarmos, do que um sentido moral kantiano sobre o dever. Nesse contexto, o dever se inscreve em uma lógica tradicionalista a ser questionada.

Pensar a formação (*Bildung*) não é uma tarefa fácil, seja pela diversidade de significados a serem preservados na tradução do termo, ou pela centralidade ocupada em boa parte das culturas ocidentais. Formar, dar contornos, cultivar, semear, são facetas diferentes de uma mesma reflexão, que não se fecha em categorias fixas de grandes sistemas de pensamento.

Ao refletirmos sobre a tripartição de sentidos, para a tradução/significação de *Bildung* buscamos apontar uma espécie de terreno fértil de reflexões, com a intenção de estabelecer certos pontos de largada na discussão sobre a formação, entendendo que tais escolhas interferem na compreensão do conceito de dialética e de filosofia em Adorno, como diferentes definições que convergem para pensarmos a constituição das subjetividades, o próprio contexto e as culturas que estão inseridas.

Pensar com Adorno exige uma insistência reflexiva na captura dos sentidos da discussão do filósofo, que não se apresenta de forma clara e direta. O texto do frankfurtiano é multifacetado de forma intencional, para que seja preservado um certo sentido originário do pensamento, por trás de uma obra ensaísta intrincada. Trata-se, portanto, de uma resistência característica do pensamento, que não se deixa tomar de forma facilitada, pois tais reflexões estão mais próximas de atenderem aos ditames do mercado capitalista, ao ser o resultado produtivo de interesses externos.



Esta resistência conquista espaço no interior de uma sociedade contemporânea, transpassada pelas promessas modernas iluministas de esclarecimento a partir da razão. Em nossa percepção, um dos grandes trunfos de Adorno foi ter percebido a contradição fundamental do pensamento moderno, visto que ao depositar toda esperança em um salvacionismo racionalista, acabou por não perceber claramente, que é a própria razão que gera o seu suposto contrário, isto é, uma formatação enfraquecida, deturpada, destituída de vitalidade vigilante, em grande medida para atender projetos externos a sua própria constituição.

É neste sentido que a razão moderna significa um “lobo na pele de cordeiro”, como ressaltamos no título deste estudo, pois ocorre uma espécie de maquiagem dos componentes característicos da razão moderna, a partir de uma positivação da racionalidade, que encobre o outro da razão no sentido de posicioná-lo como algo estranho aos atributos racionais, como se fosse o seu contrário.

Na esteira de Adorno, o que a sociedade, a cultura e a história acompanharam nascer, principalmente a partir do século XX, com as Guerras Mundiais, os grupos extremistas pelo mundo, o aumento acirrado de crises econômicas, desigualdades muito acentuadas, atos de violência constantes, divulgação de complôs de domínio mundial, alicerçados em disseminação de informações inverídicas, manipuladas a partir de interesses políticos e econômicos de grupos hegemônicos, como a semeadura do fascismo nos mais diversos setores e lugares, representam a razão enquanto “lobo em pele de cordeiro”, pois ocorre uma demonstração tácita do mais do mesmo.

Isso parece uma faceta repetida, um rótulo desgastado de uma racionalidade que prometia a superação das mazelas humanas, a partir de uma formação voltada para o pensamento, o confronto de ideias, ou seja, um resgate próprio de ideias da Grécia antiga e dos espaços de reflexão na ágora, mas que não se realiza e, para além de não se realizar, deixa eclodir a doença autoimune da razão, malefício que ela mesma gerou.

Perceber essa contradição inerente da razão moderna auxilia na compreensão dos acontecimentos do século XX e até do XXI, pois ainda somos o resultado dessa concepção pouco afoita ao reconhecimento do Outro como sujeito de fato, que se forma e contribui na formação própria de quem observa toda a constituição da realidade. O lidar com o Outro, com o diferente, com as minorias, os marginalizados, os famintos, com aqueles que não cabem nas categorias definidoras da razão é um dos maiores desafios.



Para além desse desafio está um exame crítico necessário da filosofia, sobre qual foi sua colaboração no combate ao cenário desolador do século XX e que ganha roupagens atualizadas nestes vinte e um anos deste novo século, que estabelecidas as devidas diferenças, permanece preservando diversos excessos do passado recente, ao alargar diariamente o massacre humano e da natureza.

Colhemos um resultado catastrófico de combate a pandemia de Covid-19 no Brasil. Em verdade, por mais complicado que seja dizer isso, acaba sendo previsível e coerente com a maneira com que, parte considerável dos agentes públicos envolvidos e da população agiram desde o início. Desprezo pela educação, pela ciência, corte de verbas, ataques aos direitos humanos, desvalorização de professores e profissionais da educação, de enfermeiros e técnicos de enfermagem, de médicos sérios e comprometidos com a verdade científica, pouco investimento em pesquisas e na criação de um parque industrial que atendesse as demandas da produção de remédios e imunizantes, crença em tratamentos ineficazes, descrédito no distanciamento social, uso inadequado de máscaras, ausência de recursos para proteção adequada, falta de um plano nacional de enfrentamento do problema, além de outros fatores que escancaram uma racionalidade moderna fascista.

Essa racionalidade cozinha uma formação (*Bildung*) de cultivo das grandes massas populacionais, para que se mantenham anestesiadas diante de tanto descaso, perpetuando sanguessugas no poder, enquanto as classes mais abastadas, estudam para as áreas de maior prestígio social e rentabilidade financeira. A partir disso, vamos criando bolsões formativos, lavrados no papel timbrado de uma promessa de liberdade que não acontece.

Diante de tanta catástrofe e de tantas pessoas perdidas, o que fazer? Essa é uma pergunta muito difícil de ser respondida, pois ela vem acompanhada de um enxame de outras perguntas que, por um lado, nos lançam no completo lamaçal da desesperança, por outro, congelam a todos em uma anestesia diária. Superar isso passa por uma infinidade de ações, dos representantes políticos e das pessoas, com desenhos dialéticos sobre a formação das novas gerações, preservando o alerta da necessidade crítica.

Esta indispensabilidade crítica perpassa a filosofia, a sociologia, a antropologia, a educação, a literatura e a psicologia, pois todas essas áreas têm a responsabilidade de se inserir em um constante processo de autorreflexão, do contrário, estão fadadas a contribuir com a permanência do cadáver da razão moderna, despojo este que



permanece colaborando nos turnos das fábricas, que continuam a “moer gente”. Sem compromisso formativo de crítica, de constante processo dialético negativo, todas essas áreas e seus imensos acervos bibliográficos não passam de letra morta, que vive em prateleiras enquanto as pessoas existem lá fora, por um lado, anestesiadas com o mais do mesmo e, por outro, sufocadas com o sofrimento de cada dia. Não podemos aceitar viver como mortos vivos, que trabalham a semana toda de forma extenuante e exercem sua “liberdade”, ao fazer compras no mercado no final de semana. Precisamos fazer nascer o impossível.

Referências

ADORNO, Theodor W. **Actualidad en Filosofía**. Traducción de José Luiz Arantegui Tamayo. Barcelona: Ediciones Altaya, 1994.

_____. **Aspectos do Novo Radicalismo de Direita**. Tradução de Felipe Catalani. São Paulo: Unesp, 2020.

ADORNO, Theodor W., HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. **Dialética Negativa**. Tradução de Marco Antônio Casanova com revisão técnica de Eduardo Soares Neves Silva. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

_____. **Educação e Emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **O que significa elaborar o passado**. In: ADORNO, Theodor W. Educação e Emancipação. Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **Glosa sobre Personalidade**. In: Palavras e Sinais: modelos críticos 2. Tradução de Maria Helena Ruschel com supervisão de Álvaro Valls. Rio de Janeiro: Vozes, 1995, p. 62-69.

_____. **Mínima Moralia**. Tradução de Gabriel Cohn. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.

_____. **Observações sobre o Pensamento Filosófico**. In: Palavras e Sinais: modelos críticos 2. Tradução de Maria Helena Ruschel com supervisão de Álvaro Valls. Rio de Janeiro: Vozes, 1995, p. 15-25.

GRISON, Everton Marcos. A RAZÃO NA POSIÇÃO DE “LOBO EM PELE DE CORDEIRO”: formação (Bildung), dialética e filosofia a partir de Theodor Adorno. p. 100-120.



_____. **Observações sobre Política e Neurose.** In: ADORNO, Theodor W. Ensaaios sobre Psicologia Social e Psicanálise. Tradução de Verlainne Freitas. São Paulo: Unesp, 2015, p. 191-198.

_____. **Palavras e Sinais: modelos críticos 2.** Tradução de Maria Helena Ruschel com supervisão de Álvaro Valls. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

_____. **Sobre Sujeito e Objeto.** In: Palavras e Sinais: modelos críticos 2. Tradução de Maria Helena Ruschel com supervisão de Álvaro Valls. Rio de Janeiro: Vozes, 1995, p. 181-201.

_____. **Tempo Livre.** In: Palavras e Sinais: modelos críticos 2. Tradução de Maria Helena Ruschel com supervisão de Álvaro Valls. Rio de Janeiro: Vozes, 1995, p. 70-82.

_____. **Teoría de la Seudocultura.** Traducción de Jesús Aguirre y Víctor Sánchez de Zavala. In: ADORNO, Theodor W. Filosofia y Superstición. Traducción de Jesús Aguirre y Víctor Sánchez de Zavala. Madrid: Alianza/Taurus, 1972, p. 141-174.

CATALANI, Felipe. **Depois da meia-noite no século: Adorno e as análises do fascismo.** In: ADORNO, Theodor W. Aspectos do Novo Radicalismo de Direita. Tradução de Felipe Catalani. São Paulo: Unesp, 2020, p. 11-42.

CROCHÍK, José Leon. **A Normalidade do Sofrimento.** Oficina Informa, n. 61, p. 42-43, out, 2004.

JAMENSON, Frederic. **O Marxismo tardio: Adorno ou a persistência na dialética.** Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Unesp/Boitempo, 2011.

NOBRE, Marcos. **Lukács e os limites da Reificação: um estudo sobre História e Consciência de Classe.** São Paulo: Ed. 34, 2001.

RESENDE, Maria do Rosário Silva. **Formação e Autonomia do Professor Universitário: um estudo na Universidade Federal de Goiás.** São Paulo: Puc, 2005. Tese (Doutorado em Psicologia Social).

SAFATLE, Vladimir. **Dar Corpo ao Impossível: o sentido da dialética a partir de Theodor Adorno.** Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

TÜRCKE, Christoph. **Pronto-socorro para Adorno: fragmentos introdutórios à Dialética Negativa.** In: ZUIN, Antônio A. S., PUCCI, Bruno & OLIVEIRA, Newton Ramos de. (orgs). Ensaaios Frankfurtianos. São Paulo: Cortez, 2004.

WEBER, José Fernandes. **Formação (Bildung), educação e experimentação em Nietzsche.** Londrina: Eduel, 2011.

GRISON, Everton Marcos. A RAZÃO NA POSIÇÃO DE “LOBO EM PELE DE CORDEIRO”: formação (Bildung), dialética e filosofia a partir de Theodor Adorno. p. 100-120.





GRISON, Everton Marcos. A RAZÃO NA POSIÇÃO DE “LOBO EM PELE DE CORDEIRO”: formação (Bildung), dialética e filosofia a partir de Theodor Adorno. **Kalagatos**, Fortaleza, Vol.18, N.1, 2021, p. 100-120.

Recebido: 09/2021

Aprovado: 10/2021

